

Summa Theologiae, I, q. 2, a. 1 e a. 3

Deus, sua evidência para nós e as cinco vias

Texto latino em paralelo com tradução portuguesa de trabalho

Nota: as seções indicadas como arg. são objeções; o sed contra introduz uma autoridade contrária; a posição conclusiva de Tomás encontra-se no corpus/respondeo e nas respostas ad.

ARTIGO 1 — Se é evidente por si que Deus existe

ARTICULUS 1

[28299] I^o q. 2 a. 1 arg. 1 — Objeção 1 (arg. 1)

LATIM

Ad primum sic proceditur. Videtur quod Deum esse sit per se notum. Illa enim nobis dicuntur per se nota, quorum cognitio nobis naturaliter inest, sicut patet de primis principiis. Sed, sicut dicit Damascenus in principio libri sui, omnibus cognitio existendi Deum naturaliter est inserta. Ergo Deum esse est per se notum.

PORTUGUÊS

Procede-se assim quanto ao primeiro. Parece que a existência de Deus seja conhecida por si. Dizem-se conhecidas por si aquelas coisas cujo conhecimento nos é naturalmente inerente, como se vê nos primeiros princípios. Ora, como diz Damasceno no início de seu livro, o conhecimento da existência de Deus está naturalmente inserido em todos. Logo, a existência de Deus é conhecida por si.

[28300] I^o q. 2 a. 1 arg. 2 — Objeção 2 (arg. 2)

LATIM

Praeterea, illa dicuntur esse per se nota, quae statim, cognitis terminis, cognoscuntur, quod philosophus attribuit primis demonstrationis principiis, in I Poster., scito enim quid est totum et quid pars, statim scitur quod omne totum maius est sua parte. Sed intellecto quid significet hoc nomen Deus, statim habetur quod Deus est. Significatur enim hoc nomine id quo maius significari non potest, maius autem est quod est in re et intellectu, quam quod est in intellectu tantum, unde cum, intellecto hoc nomine Deus, statim sit in intellectu, sequitur etiam quod sit in re. Ergo Deum esse est per se notum.

PORTUGUÊS

Além disso, dizem-se conhecidas por si aquelas coisas que são conhecidas imediatamente, conhecidos os seus termos; é isso que o Filósofo atribui aos primeiros princípios da demonstração, no livro I dos Posteriores: sabendo-se o que é o todo e o que é a parte, sabe-se imediatamente que todo todo é maior que sua parte. Ora, entendido o que significa este nome “Deus”, tem-se imediatamente que Deus existe. Pois por este nome significa-se aquilo maior do que o qual nada pode ser significado; e é maior aquilo que existe na realidade e no intelecto do que aquilo que existe apenas no intelecto. Portanto, uma vez entendido este nome “Deus”, ele está imediatamente no intelecto, e segue-se também que existe na realidade. Logo, a existência de Deus é conhecida por si.

[28301] I^o q. 2 a. 1 arg. 3 — Objeção 3 (arg. 3)

LATIM

Praeterea, veritatem esse est per se notum, quia qui negat veritatem esse, concedit veritatem esse, si enim veritas non est, verum est veritatem non esse. Si autem est aliquid verum, oportet quod veritas sit. Deus autem est ipsa veritas, Ioann. XIV, ego sum via, veritas et vita. Ergo Deum esse est per se notum.

PORTUGUÊS

Além disso, que a verdade existe é conhecido por si, pois quem nega que a verdade exista concede que a verdade existe; com efeito, se a verdade não existe, é verdadeiro que a verdade não existe. Ora, se há algo verdadeiro, é necessário que a verdade exista. Mas Deus é a própria verdade: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14). Logo, a existência de Deus é conhecida por si.

[28302] I^o q. 2 a. 1 s. c. — Sed contra (s. c.)

LATIM

Sed contra, nullus potest cogitare oppositum eius quod est per se notum ut patet per philosophum, in IV Metaphys. et I Poster., circa prima demonstrationis principia. Cogitari autem potest oppositum eius quod est Deum esse, secundum illud Psalmi LII, dixit insipiens in corde suo, non est Deus. Ergo Deum esse non est per se notum.

PORTUGUÊS

Em sentido contrário, ninguém pode pensar o oposto daquilo que é conhecido por si, como se vê pelo Filósofo no livro IV da Metafísica e no livro I dos Posteriores, a respeito dos primeiros princípios da demonstração. Ora, pode-se pensar o oposto de que Deus existe, conforme o Salmo 52: “Disse o insensato em seu coração: Deus não existe”. Logo, a existência de Deus não é conhecida por si.

[28303] I^o q. 2 a. 1 co. — Corpo do artigo / resposta (corpus)**LATIM**

Respondeo dicendum quod contingit aliquid esse per se notum dupliciter, uno modo, secundum se et non quoad nos; alio modo, secundum se et quoad nos. Ex hoc enim aliqua propositio est per se nota, quod praedicatum includitur in ratione subiecti, ut homo est animal, nam animal est de ratione hominis. Si igitur notum sit omnibus de praedicatione et de subiecto quid sit, propositio illa erit omnibus per se nota, sicut patet in primis demonstrationum principiis, quorum termini sunt quaedam communia quae nullus ignorat, ut ens et non ens, totum et pars, et similia. Si autem apud aliquos notum non sit de praedicatione et subiecto quid sit, propositio quidem quantum in se est, erit per se nota, non tamen apud illos qui praedicatum et subiectum propositionis ignorant. Et ideo contingit, ut dicit Boetius in libro de hebdomadibus, quod quaedam sunt communes animi conceptiones et per se notae, apud sapientes tantum, ut incorporalia in loco non esse. Dico ergo quod haec propositio, Deus est, quantum in se est, per se nota est, quia praedicatum est idem cum subiecto; Deus enim est suum esse, ut infra patebit. Sed quia nos non scimus de Deo quid est, non est nobis per se nota, sed indiget demonstrari per ea quae sunt magis nota quoad nos, et minus nota quoad naturam, scilicet per effectus.

[28304] I^o q. 2 a. 1 ad 1 — Resposta à objeção 1 (ad 1)**LATIM**

Ad primum ergo dicendum quod cognoscere Deum esse in aliquo communi, sub quadam confusione, est nobis naturaliter insertum, in quantum scilicet Deus est hominis beatitudo, homo enim naturaliter desiderat beatitudinem, et quod naturaliter desideratur ab homine, naturaliter cognoscitur ab eodem. Sed hoc non est simpliciter cognoscere Deum esse; sicut cognoscere venientem, non est cognoscere Petrum, quamvis sit Petrus veniens, multi enim perfectum hominis bonum, quod est beatitudo, existimant divitias; quidam vero voluptates; quidam autem aliquid aliud.

[28305] I^o q. 2 a. 1 ad 2 — Resposta à objeção 2 (ad 2)**LATIM**

Ad secundum dicendum quod forte ille qui audit hoc nomen Deus, non intelligit significari aliquid quo maius cogitari non possit, cum quidam crediderint Deum esse corpus. Dato etiam quod quilibet intelligat hoc nomine Deus significari hoc quod dicitur, scilicet illud quo maius cogitari non potest; non tamen propter hoc sequitur quod intelligat id quod significatur per nomen, esse in rerum natura; sed in apprehensione intellectus tantum. Nec potest argui quod sit in re, nisi daretur quod sit in re aliquid quo maius cogitari non potest, quod non est datum a ponentibus Deum non esse.

[28306] I^o q. 2 a. 1 ad 3 — Resposta à objeção 3 (ad 3)**LATIM**

Ad tertium dicendum quod veritatem esse in communi, est per se notum, sed primam veritatem esse, hoc non est per se notum quoad nos.

ARTIGO 3 — Se Deus existe**PORTUGUÊS**

Respondo dizendo que algo pode ser conhecido por si de dois modos: de um modo, em si mesmo, mas não para nós; de outro modo, em si mesmo e para nós. Com efeito, uma proposição é conhecida por si quando o predicado está incluído na razão do sujeito, como em “o homem é animal”, pois animal pertence à razão de homem. Se, portanto, todos conhecem o que é o predicado e o que é o sujeito, tal proposição será conhecida por si para todos, como se vê nos primeiros princípios das demonstrações, cujos termos são certos conceitos comuns que ninguém ignora, como ente e não ente, todo e parte, e semelhantes. Se, porém, para alguns não é conhecido o que sejam o predicado e o sujeito, a proposição, quanto a si mesma, será conhecida por si, mas não para aqueles que ignoram o predicado e o sujeito da proposição. Por isso acontece, como diz Boécio no livro De hebdomadibus, que há certas concepções comuns da alma e conhecidas por si apenas para os sábios, como a de que os incorpóreos não estão em lugar. Digo, pois, que esta proposição, “Deus existe”, quanto a si mesma, é conhecida por si, porque o predicado é o mesmo que o sujeito; com efeito, Deus é o seu próprio ser, como se verá adiante. Mas, porque nós não sabemos o que Deus é, ela não é conhecida por si para nós; antes, precisa ser demonstrada por meio daquilo que é mais conhecido para nós e menos conhecido quanto à natureza, isto é, por meio dos efeitos.

PORTUGUÊS

À primeira objeção deve-se dizer que conhecer que Deus existe de algum modo comum, sob certa confusão, está naturalmente inserido em nós, isto é, na medida em que Deus é a bem-aventurança do homem; pois o homem deseja naturalmente a bem-aventurança, e aquilo que é naturalmente desejado pelo homem é naturalmente conhecido por ele. Mas isso não é conhecer simplesmente que Deus existe; assim como conhecer aquele que vem não é conhecer Pedro, embora seja Pedro quem vem. Com efeito, muitos julgam que o bem perfeito do homem, que é a bem-aventurança, são as riquezas; outros, os prazeres; outros, alguma outra coisa.

PORTUGUÊS

À segunda objeção deve-se dizer que talvez quem ouve este nome “Deus” não entenda que ele signifique algo maior do que o qual nada pode ser pensado, pois alguns acreditaram que Deus fosse corpo. Admitido ainda que qualquer um entenda que por este nome “Deus” se signifique aquilo que se diz, isto é, aquilo maior do que o qual nada pode ser pensado, nem por isso se segue que entenda que aquilo que é significado pelo nome exista na natureza das coisas, mas apenas na apreensão do intelecto. Também não se pode argumentar que exista na realidade, a menos que se conceda que existe na realidade algo maior do que o qual nada pode ser pensado; e isso não é concedido por aqueles que sustentam que Deus não existe.

PORTUGUÊS

À terceira objeção deve-se dizer que a existência da verdade em comum é conhecida por si; mas que exista a primeira Verdade, isso não é conhecido por si para nós.

[28315] Iª q. 2 a. 3 arg. 1 — Objeção 1 (arg. 1)**LATIM**

Ad tertium sic proceditur. Videtur quod Deus non sit. Quia si unum contrariorum fuerit infinitum, totaliter destruetur aliud. Sed hoc intelligitur in hoc nomine Deus, scilicet quod sit quoddam bonum infinitum. Si ergo Deus esset, nullum malum inveniretur. Invenitur autem malum in mundo. Ergo Deus non est.

PORTUGUÊS

Procede-se assim quanto ao terceiro. Parece que Deus não existe. Pois, se um dos contrários fosse infinito, destruiria totalmente o outro. Ora, entende-se neste nome “Deus” que ele seja certo bem infinito. Portanto, se Deus existisse, nenhum mal seria encontrado. Mas encontra-se o mal no mundo. Logo, Deus não existe.

[28316] Iª q. 2 a. 3 arg. 2 — Objeção 2 (arg. 2)**LATIM**

Praeterea, quod potest compleri per pauciora principia, non fit per plura. Sed videtur quod omnia quae apparent in mundo, possunt compleri per alia principia, supposito quod Deus non sit, quia ea quae sunt naturalia, reducuntur in principium quod est natura; ea vero quae sunt a proposito, reducuntur in principium quod est ratio humana vel voluntas. Nulla igitur necessitas est ponere Deum esse.

PORTUGUÊS

Além disso, aquilo que pode ser realizado por menos princípios não se faz por mais. Ora, parece que todas as coisas que aparecem no mundo podem ser realizadas por outros princípios, supondo-se que Deus não exista: pois as coisas naturais reduzem-se ao princípio que é a natureza; e as coisas que procedem de propósito reduzem-se ao princípio que é a razão humana ou a vontade. Logo, não há necessidade alguma de afirmar que Deus existe.

[28317] Iª q. 2 a. 3 s. c. — Sed contra (s. c.)**LATIM**

Sed contra est quod dicitur Exodi III, ex persona Dei, ego sum qui sum.

PORTUGUÊS

Em sentido contrário, está o que se diz em Êxodo 3, da parte de Deus: “Eu sou aquele que sou”.

[28318] Iª q. 2 a. 3 co. — início e primeira via — Corpo do artigo / resposta: introdução e primeira via (corpus: prima via)**LATIM**

Respondeo dicendum quod Deum esse quinque viis probari potest. Prima autem et manifestior via est, quae sumitur ex parte motus. Certum est enim, et sensu constat, aliqua moveri in hoc mundo. Omne autem quod movetur, ab alio movetur. Nihil enim movetur, nisi secundum quod est in potentia ad illud ad quod movetur, movet autem aliquid secundum quod est actu. Movere enim nihil aliud est quam educere aliquid de potentia in actum, de potentia autem non potest aliquid reduci in actum, nisi per aliquod ens in actu, sicut calidum in actu, ut ignis, facit lignum, quod est calidum in potentia, esse actu calidum, et per hoc movet et alterat ipsum. Non autem est possibile ut idem sit simul in actu et potentia secundum idem, sed solum secundum diversa, quod enim est calidum in actu, non potest simul esse calidum in potentia, sed est simul frigidum in potentia. Impossibile est ergo quod, secundum idem et eodem modo, aliquid sit movens et motum, vel quod moveat seipsum. Omne ergo quod movetur, oportet ab alio moveri. Si ergo id a quo movetur, moveatur, oportet et ipsum ab alio moveri et illud ab alio. Hic autem non est procedere in infinitum, quia sic non esset aliquod primum movens; et per consequens nec aliquod aliud movens, quia moventia secunda non movent nisi per hoc quod sunt mota a primo movente, sicut baculus non movet nisi per hoc quod est motus a manu. Ergo necesse est devenire ad aliquod primum movens, quod a nullo movetur, et hoc omnes intelligunt Deum.

PORTUGUÊS

Respondo dizendo que a existência de Deus pode ser provada por cinco vias. A primeira e mais manifesta via é tomada da parte do movimento. Com efeito, é certo e consta pelos sentidos que algumas coisas se movem neste mundo. Ora, tudo o que se move é movido por outro. Nada se move senão enquanto está em potência para aquilo a que se move; mas algo move enquanto está em ato. Pois mover não é outra coisa senão conduzir algo da potência ao ato; e nada pode ser reduzido da potência ao ato senão por algum ente em ato, assim como o quente em ato, como o fogo, faz com que a madeira, que é quente em potência, seja quente em ato, e por isso a move e altera. Não é possível que o mesmo seja simultaneamente em ato e em potência sob o mesmo aspecto, mas apenas sob aspectos diversos; pois aquilo que é quente em ato não pode ao mesmo tempo ser quente em potência, mas é simultaneamente frio em potência. Portanto, é impossível que, segundo o mesmo aspecto e do mesmo modo, algo seja movente e movido, ou que mova a si mesmo. Logo, tudo o que se move deve ser movido por outro. Se, portanto, aquilo pelo qual algo é movido também se move, é necessário que ele próprio seja movido por outro, e este por outro. Aqui, porém, não se pode proceder ao infinito, porque assim não haveria nenhum primeiro movente e, por consequência, nenhum outro movente; pois os moventes segundos não movem senão por serem movidos pelo primeiro movente, assim como o bastão não move senão por ser movido pela mão. Logo, é necessário chegar a algum primeiro movente, que não é movido por nada; e isto todos entendem ser Deus.

[28318] Iª q. 2 a. 3 co. — segunda via — Corpo do artigo / resposta: segunda via (corpus: secunda via)**LATIM**

Secunda via est ex ratione causae efficientis. Invenimus enim in istis sensibilibus esse ordinem causarum efficientium, nec tamen invenitur, nec est possibile, quod aliquid sit causa efficiens sui ipsius; quia sic esset prius seipso, quod est impossibile. Non autem est possibile quod in causis efficientibus procedatur in infinitum. Quia in omnibus causis efficientibus ordinatis, primum est causa medii, et medium est causa ultimi, sive media sint plura sive unum tantum, remota autem causa, removetur effectus, ergo, si non fuerit primum in causis efficientibus, non erit ultimum nec medium. Sed si procedatur in infinitum in causis efficientibus, non erit prima causa efficiens, et sic non erit nec effectus ultimus, nec causae efficientes mediae, quod patet esse falsum. Ergo est necesse ponere aliquam causam efficientem primam, quam omnes Deum nominant.

PORTUGUÊS

A segunda via procede da razão de causa eficiente. Encontramos, de fato, nestas coisas sensíveis, uma ordem de causas eficientes; contudo, não se encontra, nem é possível, que algo seja causa eficiente de si mesmo, pois assim seria anterior a si mesmo, o que é impossível. Também não é possível que nas causas eficientes se proceda ao infinito. Pois, em todas as causas eficientes ordenadas, a primeira é causa da intermediária, e a intermediária é causa da última, sejam muitas as intermediárias ou apenas uma; removida a causa, remove-se o efeito. Portanto, se não houver uma primeira entre as causas eficientes, não haverá última nem intermediária. Mas, se se procedesse ao infinito nas causas eficientes, não haveria primeira causa eficiente; e assim não haveria nem efeito último nem causas eficientes intermediárias, o que é manifestamente falso. Logo, é necessário afirmar alguma causa eficiente primeira, que todos chamam Deus.

[28318] Iª q. 2 a. 3 co. — terceira via — Corpo do artigo / resposta: terceira via (corpus: tertia via)**LATIM**

Tertia via est sumpta ex possibili et necessario, quae talis est. Invenimus enim in rebus quaedam quae sunt possibilia esse et non esse, cum quaedam inveniuntur generari et corrumpi, et per consequens possibilia esse et non esse. Impossibile est autem omnia quae sunt, talia esse, quia quod possibile est non esse, quandoque non est. Si igitur omnia sunt possibilia non esse, aliquando nihil fuit in rebus. Sed si hoc est verum, etiam nunc nihil esset, quia quod non est, non incipit esse nisi per aliquid quod est; si igitur nihil fuit ens, impossibile fuit quod aliquid inciperet esse, et sic modo nihil esset, quod patet esse falsum. Non ergo omnia entia sunt possibilia, sed oportet aliquid esse necessarium in rebus. Omne autem necessarium vel habet causam suae necessitatis aliunde, vel non habet. Non est autem possibile quod procedatur in infinitum in necessariis quae habent causam suae necessitatis, sicut nec in causis efficientibus, ut probatum est. Ergo necesse est ponere aliquid quod sit per se necessarium, non habens causam necessitatis aliunde, sed quod est causa necessitatis aliis, quod omnes dicunt Deum.

[28318] Iª q. 2 a. 3 co. — quarta via — Corpo do artigo / resposta: quarta via (corpus: quarta via)**LATIM**

Quarta via sumitur ex gradibus qui in rebus inveniuntur. Invenitur enim in rebus aliquid magis et minus bonum, et verum, et nobile, et sic de aliis huiusmodi. Sed magis et minus dicuntur de diversis secundum quod appropinquant diversimode ad aliquid quod maxime est, sicut magis calidum est, quod magis appropinquat maxime calido. Est igitur aliquid quod est verissimum, et optimum, et nobilissimum, et per consequens maxime ens, nam quae sunt maxime vera, sunt maxime entia, ut dicitur II Metaphys. Quod autem dicitur maxime tale in aliquo genere, est causa omnium quae sunt illius generis, sicut ignis, qui est maxime calidus, est causa omnium calidorum, ut in eodem libro dicitur. Ergo est aliquid quod omnibus entibus est causa esse, et bonitatis, et cuiuslibet perfectionis, et hoc dicimus Deum.

[28318] Iª q. 2 a. 3 co. — quinta via — Corpo do artigo / resposta: quinta via (corpus: quinta via)**LATIM**

Quinta via sumitur ex gubernatione rerum. Videmus enim quod aliqua quae cognitione carent, scilicet corpora naturalia, operantur propter finem, quod apparet ex hoc quod semper aut frequentius eodem modo operantur, ut consequantur id quod est optimum; unde patet quod non a casu, sed ex intentione perveniunt ad finem. Ea autem quae non habent cognitionem, non tendunt in finem nisi directa ab aliquo cognoscente et intelligente, sicut sagitta a sagittante. Ergo est aliquid intelligens, a quo omnes res naturales ordinantur ad finem, et hoc dicimus Deum.

[28319] Iª q. 2 a. 3 ad 1 — Resposta à objeção 1 (ad 1)**LATIM**

Ad primum ergo dicendum quod, sicut dicit Augustinus in Enchiridion, Deus, cum sit summe bonus, nullo modo sineret aliquid mali esse in operibus suis, nisi esset adeo omnipotens et bonus, ut bene faceret etiam de malo. Hoc ergo ad infinitam Dei bonitatem pertinet, ut esse permittat mala, et ex eis eliciat bona.

PORTUGUÊS

A terceira via é tomada do possível e do necessário, e é a seguinte. Encontramos nas coisas algumas que podem ser e não ser, pois certas coisas se encontram a gerar-se e corromper-se e, por consequência, podem ser e não ser. Mas é impossível que todas as coisas existentes sejam desse modo, porque aquilo que pode não ser, em algum momento não é. Portanto, se todas as coisas pudessem não ser, em algum momento nada teria existido nas coisas. Mas, se isso fosse verdadeiro, também agora nada existiria, porque aquilo que não é não começa a ser senão por algo que é; portanto, se nada tivesse sido ente, teria sido impossível que algo começasse a ser, e assim agora nada existiria, o que é manifestamente falso. Logo, nem todos os entes são possíveis, mas é necessário que haja algo necessário nas coisas. Ora, todo necessário ou tem a causa de sua necessidade em outro, ou não a tem. Mas não é possível proceder ao infinito nos necessários que têm a causa de sua necessidade, assim como não o é nas causas eficientes, como foi provado. Logo, é necessário afirmar algo que seja necessário por si, que não tenha a causa de sua necessidade em outro, mas que seja causa da necessidade dos outros; e isso todos dizem ser Deus.

PORTUGUÊS

A quarta via é tomada dos graus que se encontram nas coisas. Com efeito, encontram-se nas coisas algo mais e menos bom, verdadeiro, nobre, e assim quanto a outras coisas semelhantes. Mas o mais e o menos se dizem de diversos enquanto se aproximam diversamente de algo que é máximo, assim como o mais quente é aquilo que mais se aproxima do maximamente quente. Há, portanto, algo que é o maximamente verdadeiro, o maximamente bom e o maximamente nobre e, por consequência, o ente máximo; pois as coisas que são maximamente verdadeiras são maximamente entes, como se diz no livro II da Metafísica. Ora, aquilo que é dito máximo em algum gênero é causa de tudo o que pertence àquele gênero, assim como o fogo, que é maximamente quente, é causa de todas as coisas quentes, como se diz no mesmo livro. Logo, há algo que é causa do ser, da bondade e de qualquer perfeição para todos os entes; e isto chamamos Deus.

PORTUGUÊS

A quinta via é tomada do governo das coisas. Vemos, com efeito, que algumas coisas que carecem de conhecimento, isto é, os corpos naturais, operam em vista de um fim; isso aparece pelo fato de que sempre ou na maioria das vezes operam do mesmo modo, para alcançar aquilo que é ótimo. Onde se vê que chegam ao fim não por acaso, mas por intenção. Ora, as coisas que não têm conhecimento não tendem ao fim senão dirigidas por algo que conhece e entende, assim como a flecha é dirigida pelo arqueiro. Logo, há algo inteligente pelo qual todas as coisas naturais são ordenadas ao fim; e isto chamamos Deus.

PORTUGUÊS

À primeira objeção deve-se dizer que, como diz Agostinho no Enchiridion, Deus, sendo sumamente bom, de modo algum permitiria que houvesse algum mal em suas obras, se não fosse tão onipotente e bom a ponto de fazer bem até a partir do mal. Portanto, pertence à infinita bondade de Deus permitir que existam males e deles extrair bens.

[28320] I^a q. 2 a. 3 ad 2 — Resposta à objeção 2 (ad 2)

LATIM

Ad secundum dicendum quod, cum natura propter determinatum finem operetur ex directione alicuius superioris agentis, necesse est ea quae a natura fiunt, etiam in Deum reducere, sicut in primam causam. Similiter etiam quae ex proposito fiunt, oportet reducere in aliquam altiorem causam, quae non sit ratio et voluntas humana, quia haec mutabilia sunt et defectibilia; oportet autem omnia mobilia et deficere possibilia reduci in aliquod primum principium immobile et per se necessarium, sicut ostensum est.

PORTUGUÊS

À segunda objeção deve-se dizer que, uma vez que a natureza opera por um fim determinado sob a direção de algum agente superior, é necessário reduzir também a Deus, como à primeira causa, as coisas que se fazem pela natureza. De modo semelhante, também as coisas que se fazem por propósito devem ser reduzidas a alguma causa mais alta, que não seja a razão nem a vontade humana, pois estas são mutáveis e defectíveis; é necessário, porém, reduzir todas as coisas móveis e possíveis de falhar a algum primeiro princípio imóvel e necessário por si, como foi mostrado.